

## A POLÍTICA DO APITO CANINO SOB AS LENTES DO DISCURSO: DIÁLOGOS COM O PENSAMENTO BAKHTINIANO

*DOG WHISTLE POLITICS THROUGH DISCURSIVE LENS: DIALOGUES WITH  
BAKHTINIAN THEORY*

Vanessa Fonseca Barbosa<sup>1</sup>

Allan Reynaldo<sup>2</sup>

Yuri Andrei Batista Santos<sup>3</sup>

**RESUMO:** O apito canino se apresenta como um recorrente fenômeno que oportuniza a problematização da relação entre falante, discurso e seu destinatário presumido na esfera do discurso político. O objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta teórico-analítica com relação às diferentes conceituações em torno desse fenômeno por meio de um entrecruzamento teórico com os postulados da metalinguística bakhtiniana. Considera-se, portanto, para tais reflexões acerca do apito canino, os estudos de Mendelberg (2001), Goodin (2009) e Haney-López (2014), que destacam e analisam a ocorrência desta prática discursiva na esfera do discurso político norte-americano. Somados a estes aportes, partindo das postulações de Bakhtin (2015; 2017) e Volóchinov (2017; 2019) acerca da interação discursiva e da orientação dialógica do discurso, propõe-se uma leitura focalizada acerca de como essa estratégia discursiva explora diferentes camadas de sentido diante de um auditório social amplo e diversificado. Espera-se, com este trabalho fomentar estudos que avancem na compreensão do fenômeno apresentado e abrir caminhos para propostas que, possivelmente, analisem o fenômeno discursivo do apito canino na dimensão do discurso político brasileiro.

**Palavras-chave:** Política do apito canino; auditório social; interação discursiva; discurso político.

**ABSTRACT:** Dog whistling presents itself as a recurrent phenomenon that concurs with the problematization of the relationship between speaker, speech and presumed receiver in the public speech sphere of influence. The main goal of this paper is to discuss and present the different conceptualizations around this phenomenon through the intertwining of theory and the postulates of Bakhtinian metalinguistic. It is considered, consequently, for these reflections about the dog whistle, the studies of Mendelberg (2001), Goodin (2009) and Haney-López (2014), that highlight and analyze the occurrence of this discursive practice in the sphere of

<sup>1</sup> Doutora em Letras, área de concentração em Linguística, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, com bolsas CNPq e CAPES. Pesquisadora de Pós-Doutorado (PNPD) na Universidade de São Paulo - USP, com bolsa CAPES. Membro dos grupos de pesquisa CNPq: Diálogo (USP) e Tessitura: Vozes em (Dis)curso (PUCRS).

<sup>2</sup> Graduado em Letras-Inglês pela Universidade Católica de Santos. Graduando do curso de Letras Português/Japonês da Universidade de São Paulo - USP. Professor de Língua Inglesa dos Cursos Singular.

<sup>3</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa (PPGFLP/USP) como bolsista FAPESP e em regime de cotutela com a Université de Paris- França. É pesquisador vinculado ao grupo de pesquisa DIÁLOGO-USP.

North-American political discourse. Together with these contributions, while eliciting from the postulations of Bakhtin (2015) and Volochinov (2018; 2019) about the discursive interaction and of the ideological orientation of the discourse, it is proposed an interpretation focused on how this discursive strategy explores different layers of meaning before a broad and diversified audience. It is expected, therefore, that with the analysis discussed in this reflection space, to promote studies that advance the comprehension of the phenomenon here presented and to open way to new projects that may, possibly, analyze the dog whistle in the sphere of the Brazilian political discourse.

**Keywords:** Dog whistle politics; social auditory, discursive interaction, political discourse.

## 1 Introdução

As pautas identitárias têm tido cada vez maior espaço nas movimentações políticas nas democracias contemporâneas. Gennaioli e Tabellini (2019) apontam que, onde antes nós tínhamos na redistribuição de renda a principal diferença entre esquerda e direita, hoje podemos observar cada vez mais o protagonismo das questões de imigração e direitos políticos nos conflitos de assuntos públicos. Essa guinada política ficou patente nas eleições de Donald J. Trump, em 2016, nos Estados Unidos da América, e de Jair M. Bolsonaro, no Brasil, em 2018, ambos candidatos com visões abertamente controversas quanto a tópicos relacionados à diversidade social e cultural por exemplo.

Em um mundo em que as pautas antirracistas ganham força, como no evento discursivo global da campanha *Black lives matter*<sup>4</sup>, em 2020, é curioso observar a maneira com que os candidatos anteriormente citados tenham expressiva adesão em campanhas que levantam discursos de ódio, coniventes com bandeiras como a supremacia racial, o machismo, o totalitarismo e o fascismo. Ademais, se faz pertinente, nesse sentido, do ponto de vista da análise do discurso, analisar como tais lideranças globais materializam essa agenda controversa na linguagem frente à coletividade diversificada de suas respectivas populações governadas, compostas por apoiadores, não apoiadores, os que se declaram isentos, indecisos etc.

Nos EUA, por exemplo, apesar de plataformas políticas baseadas em retóricas identitárias, principalmente raciais, serem vistas como retrógradas, o presidente do Comitê Nacional do Partido Republicano, Michael S. Steele, admite que os republicanos ainda utilizam táticas eleitorais baseadas em perfis raciais: “Pelos últimos 40 anos nós tivemos uma “Estratégia Sulista” que subestimou muitos votos de minorias ao focar no voto do homem branco”<sup>5</sup> (THE HUFFINGTON POST, 2010, tradução nossa). Como resultado desse tipo de política, o partido republicano obteve muitas vitórias eleitorais. Desde as eleições para presidente de 1969, com a vitória do republicano Richard Nixon, nenhum presidente democrata ganhou mais votos de pessoas brancas do que um presidente republicano. Um desses exemplos pode ser observado na vitória de Barack Obama sobre Williard Romney em 2012. Apesar do rival de Romney ter

---

<sup>4</sup> O movimento ativista, encabeçado inicialmente pela comunidade afro-estadunidense, tem início na esfera midiática através da *hashtag* #BlackLivesMatter, em 2013. De forma crescente, em 2020 a campanha ganhou profusão internacional a partir de uma série de protestos depois da violenta morte do afro-americano George Floyd, estrangulado por um policial branco em Minneapolis-EUA.

<sup>5</sup> No original: “For the last 40-plus years we had a ‘Southern Strategy’ that alienated many minority voters by focusing on the white male vote in the South”.

ganhado as eleições, o partido republicano obteve a maioria dos votos de pessoas brancas em todos os principais perfis demográficos, com 62% dos homens brancos votando em Romney (HANEY-LÓPEZ, 2014, p. 17).

Considerando esse cenário, optamos, neste trabalho, por explorar um conceito corrente na cena política de fala anglófona, o *dog whistle politics*, em português, a *política do apito canino*, que, sob nossa compreensão, propõe interessante contribuição para observarmos a maneira pela qual o discurso pode ser construído, de modo a suscitar diversas nuances interpretativas. Tal compreensão desse fenômeno linguístico pode ser ainda potencializada, se colocada em relação com princípios desenvolvidos por autores do Círculo de Bakhtin, no que se refere às definições de instauração dialógica da linguagem, enunciado (tomado sobretudo em sua constitutiva orientação social da palavra), interação discursiva, compreensão ativa e diversidade do auditório social presumido.

Para tanto, neste texto, nos apoiamos, por um lado, na literatura de pesquisadores anglófonos situados em diferentes áreas do conhecimento<sup>6</sup> que trabalham esse fenômeno do discurso político, ainda pouco explorado na esfera do discurso científico brasileira (MENDELBERG, 2001; GOODIN, 2009; HANEY-LÓPEZ, 2014); e, por outro, alinhamo-nos a postulados da teoria ou análise dialógica do discurso (VOLÓCHINOV, 2018; 2019; BAKHTIN, 2015; 2017)<sup>7</sup> a fim de traçar um paradigma teórico que nos permita projetar diálogos produtivos acerca dessa questão de interesse social que emana da construção discursiva na política do apito canino.

Os princípios teórico-metodológicos desta discussão de caráter teórico-analítico retomam, então, uma abordagem “de linguagem e de discurso como elementos constitutivos e indissociáveis dos sujeitos e das suas historicidades, sem desconsiderar a importância do papel ideológico e dos diversos valores sociais veiculados pela e por meio da linguagem” (BARBOSA, 2017, p. 22). A partir de um levantamento da presença desse conceito no cenário da política norte-americana, problematizamos as condições dessa construção discursiva, analisando, para esse fim, alguns discursos produzidos por políticos norte-americanos em suas respectivas campanhas eleitorais, partindo da representatividade dos excertos em relação à visibilidade do que concebemos por política do apito canino. A discussão aqui apresentada, portanto, tem como *corpus* discursos em campanhas eleitorais no panorama da política norte-americana recente, por ser onde se detêm boa parte das referências e postulações teóricas em torno do conceito em foco, a ser introduzido, a partir desta reflexão, também na dinâmica do discurso científico brasileiro.

Por hora, é nossa proposta contribuir neste trabalho com uma apresentação do conceito mencionado, a partir de suas postulações teóricas e da análise de suas ocorrências, ao que segmentamos nosso percurso da seguinte maneira: na primeira seção, apresentamos a política de apito canino, a partir de sua caracterização teórica e de alguns exemplos no corpus de análise; na segunda seção, discutimos os pressupostos teórico-metodológicos da teoria dialógica do discurso que permitem a articulação analítica a ser apresentada, e, na terceira seção, analisamos a política de apito canino no corpus mencionado. Na última parte, estão nossas considerações finais, nas quais enfatizamos a necessidade de continuidade do estudo realizado bem como de novos diálogos principalmente com pesquisadores brasileiros. Isso permitirá o aprofundamento da compreensão do fenômeno discursivo que aqui é apresentado e o

---

<sup>6</sup> Apesar de essencialmente tratar sobre o discurso político, o *dog whistle* é, como veremos durante o presente artigo, estudado por pesquisadores de diversas áreas, como o Direito, a Ciência Política e a Filosofia.

<sup>7</sup> Tomamos as expressões *Análise Dialógica do Discurso* (ADD) e *Teoria Dialógica do Discurso* como sinônimos neste trabalho, tendo por base os estudos de Beth Brait (2010), que cunharam esse termo no Brasil.

desenvolvimento de pesquisas que se voltem à análise do fenômeno discursivo do apito canino na dimensão do discurso político brasileiro.

## 2 A política do apito canino e suas delimitações teóricas

Em primeiro lugar, para tratarmos do conceito que será problematizado neste artigo, trazemos, a seguir, a definição de *dog-whistle politics* (política do apito canino), de acordo com o *Safire's Political Dictionary*, escrito por William Safire. Para esse fim, recorreremos ao cenário anglófono uma vez que ainda não temos no Brasil pesquisadores voltados à análise desse conceito, sobretudo enquanto uma realização discursiva. O conceito é caracterizado como:

A presença de **mensagens incorporadas a discursos que parecem inocentes para uma audiência geral, mas que ressoam com um público específico presumido para recebê-las.** [...] O apito canino político pode ter derivado do uso do termo pelo analista Richard Morin, diretor de pesquisas do *The Washington Post*, quando observou em um artigo de 1988 que **"mudanças sutis na formulação de perguntas às vezes produzem resultados notavelmente diferentes...** os pesquisadores chamam isso de "Efeito do Apito Canino": Os respondentes ouvem algo na pergunta que os analistas não (SAFIRE, 2008, p. 109, tradução e grifos nossos)<sup>8</sup>.

Tal como observamos, a política do apito canino centra-se, portanto, em um discurso que apresenta em sua potencialidade interpretativa diferentes níveis de endereçamento e diferentes leitores presumidos, um deles, a saber, endereçado de forma velada. Esse conteúdo implícito ressoa de modo mais direto apenas em destinatários específicos, isto é, a um grupo seletivo de pessoas, enquanto a maior parte do público a que se destina não está familiarizada o suficiente com a mensagem, o que lhes impossibilita compreender os discursos formulados em suas diversas (e até mesmo contraditórias) facetas. Sendo assim, o discurso se constrói de forma que parte dos destinatários desses enunciados não consegue perceber as significativas nuances discursivas que estão potencialmente à margem da superfície do dizer. Daí decorre a metáfora que designa o nome do fenômeno, uma vez que o objeto socialmente conhecido por apito canino emite um barulho que, apesar de sair em uma frequência audível aos ouvidos dos cães, é quase imperceptível à audição humana.

A definição de dog-whistling dada pelo professor Robert E. Goodin<sup>9</sup> nos ajuda a esclarecer um pouco mais a respeito do ato de alienar uma parte do público em geral na construção do discurso. Tendo esse aspecto em vista, o pesquisador mencionado defende que o apito canino é então: “uma forma de enviar uma mensagem a certos potenciais apoiadores de modo a torná-la inaudível a outros, a quem poderia alienar”<sup>10</sup> (GOODIN, 2009, p. 224,

<sup>8</sup> No original: The use of message embedded in speeches that seem innocent to a general audience but resonate with a specific public attuned to receive them. [...] The political dog whistle may have derived from the term's use by pollsters Richard Morin, director of polling for The Washington Post, observed in a 1988 article that “Subtle changes in question-wording sometimes produce remarkably different results... researchers call this ‘the Dog Whistle Effect’: Respondents hear something in the question that researchers do not.

<sup>9</sup> Robert E. Goodin possui Ph.D. em Política pela Universidade de Oxford e é professor de Filosofia, Teoria Política e Social pela Universidade Nacional da Austrália. Suas áreas de atuação são: Filosofia Social, Filosofia e Teoria Política, Políticas Públicas e Ciência Política.

<sup>10</sup> No original: That is a way of sending a message to certain potential supporters in such a way as to make it

tradução nossa).

Um discurso de apito canino poderia ser identificado, por exemplo, quando um agente político precisa sinalizar, sem admitir de forma clara, que apoia uma política impopular com a maior parte de sua base eleitoral, mas que é importante para um número expressivo de votantes. Assim, a fim de não perder o apoio da maior parte de sua base eleitoral, o discurso é construído de forma que apenas aqueles que fazem parte de seu público-alvo (isto é, aqueles indivíduos que seriam mais suscetíveis à dada política “impopular”) consigam acessar e até mesmo compreender dada camada do dizer. Nesse exemplo, o agente político estaria, efetivamente, sinalizando apoio a um público-alvo seletivo, enquanto grande parte dos seus eleitores, que possivelmente ficaria descontente com tal política controversa, seria alienada pela maneira a partir da qual é construída a mensagem.

De acordo com o professor Robert E. Goodin, a propriedade que permite que o usuário do apito canino comunique uma mensagem que é compreendida de maneiras diferentes por públicos diversos não é saudável para a democracia, posto que:

A aspiração democrática de regência pelo povo implica que as pessoas saibam – e sejam informadas – minimamente sobre aquilo em que estão votando. A clareza e a consistência das mensagens dos candidatos aos eleitores importam, portanto, profundamente para a qualidade da democracia (GOODIN, 2008, p. 224, tradução nossa)<sup>11</sup>.

Goodin argumenta ainda que é necessário para uma democracia saudável que a população compreenda efetivamente quais são as políticas defendidas pelos seus candidatos. Não é necessário agregar apenas os votos, mas sim entender a razão pela qual eles foram dados. Uma campanha que é baseada em apitos caninos provavelmente não terá um mandato adequado, já que parte da plataforma não foi compreendida de modo apropriado pela maioria da população que a elegeu. Em consequência, essa representação política não terá apoio suficiente para colocar em prática as promessas eleitorais. Dog-whistling então, apesar de ser uma tática comum e prevista, pode minar a democracia de um país, se usada de maneira perniciosa, tal como destaca o professor norte-americano (GOODIN, 2008, p. 224).

O pesquisador Ian F. Haney-López<sup>12</sup>, em seu livro *Dog Whistle Politics: How Coded Racial Appeals Have Wrecked the Middle Class*, identifica ainda um tipo específico de apito canino representado por mensagens codificadas que enfatizam a união de determinada classe social baseada na cor. Por meio dessa prática, apela-se para políticas de “nós contra eles” e para discursos de cunho eugenista, os quais ele nomeia de apito canino racial:

[...] enquanto o termo pode englobar implicações clandestinas de muitos tipos diferentes, aqui se refere a um apelo à raça. Além de enfatizar raça, políticas de apitos caninos raciais divergem das demais porque a mensagem oculta que procura propagar viola um consenso moral já consolidado (HANEY-LÓPEZ,

---

inaudible to others whom it might alienate.

<sup>11</sup> No original: The democratic aspiration of rule by the people implies some minimal idea that the people know—are told—what they are really voting on. The clarity and consistency of messages from candidates to voters therefore matters deeply to the quality of democracy.

<sup>12</sup> Ian F. Haney-López possui J.D. pela Universidade de Harvard e é professor de Direito Constitucional e Justiça Racial e Social pela Universidade da Califórnia, em Berkeley. Suas áreas de atuação são: Direito, Direito Racial, Políticas Raciais e Teoria Crítica da Raça.

2014, p. 20, tradução nossa)<sup>13</sup>.

Esse tipo específico de apito canino não só constrói uma mensagem que é compreendida de maneira diversa por públicos diferentes, mas também se pauta sobre uma possível interpretação que viola um consenso moral já estabelecido na sociedade em questão. Se tal possibilidade interpretativa fosse compreendida de modo amplo pela maioria de seus interlocutores, isto possivelmente acarretaria efeitos negativos sobre o discurso e a imagem do falante. Sendo assim, aqueles discursos que se utilizam de um apito canino racial o fazem com base no preconcebido de que, se o teor racial não fosse “codificado”, a inclinação para ideias abertamente controversas poderia repercutir de forma problemática e inviabilizar a adesão da maioria votante.

Uma diferença muito importante entre as formas comuns de discurso político codificado e um apito canino racial diz respeito a como o discurso veiculado é compreendido pelo público-alvo. Isso, contudo, não desconsidera, é claro, o fato de que certa parte da população pode aceitar ou mesmo veicular abertamente um discurso racista por exemplo. Mas o que se destaca aqui é a estratégia discursiva adotada para que outros grupos, em detrimento de uma dissensão ou de um desacordo com essa agenda política específica, possam repudiar o discurso racista e criar grande comoção em torno dele. Logo, para os sujeitos que repudiariam um discurso que vai tão abertamente contra certo consenso moral na sociedade vigente, o apito canino racial pode se articular de modo a tornar mais velada a natureza racial das propostas.

De acordo com Haney-López (2014, p. 20), o apito canino racial utiliza de três movimentos para se concretizar: primeiro, o tópico raça é inserido através de menções que o colocam à margem, utilizando por exemplo, os termos “usuários de programas assistenciais” ou “imigrantes ilegais”; o segundo movimento é uma esquiva com o intuito de desviar das acusações de racismo, geralmente trazendo atenção ao fato de que não foram usados termos que especifiquem raça; terceiro é um ataque àqueles que criticaram o locutor de racismo.

É através desse mecanismo complexo que esse tipo de política do apito canino opera. Ao mesmo tempo que ela utiliza a raça para mobilizar certos grupos da população, ela também cria condições nas camadas interpretativas do discurso que lhe sinalizem uma salvaguarda, uma possibilidade de negar ter feito declarações de cunho racial. A professora Tali Mendelberg<sup>14</sup>, que compreende essa questão por meio de termos como “comunicação racial implícita” e similares, dá um exemplo desse tipo de movimento discursivo na campanha do partido republicano nas eleições presidenciais americanas de 1988 (MENDELBERG, 2001, p.4).

Em 6 de junho de 1986, William R. Horton, um presidiário condenado por homicídio, saiu temporariamente da prisão por uma licença de fim de semana e não voltou para se apresentar a sua unidade penitenciária. Em 3 de abril de 1987, Horton foi capturado pela polícia após invadir a casa de um casal, estuprar uma das residentes e roubar o carro deles. Durante a eleição, George Bush citou o caso de William R. Horton repetidamente, colocando a culpa do terrível episódio de violência no candidato democrata Michael Dukakis. A campanha do republicano não citou em nenhum momento a raça de Horton, autor dos crimes, apesar disso, mostrou a sua foto em vários momentos, e utilizou o diminutivo de seu nome, “Willie”,

---

<sup>13</sup> No original : [...] while the term could encompass clandestine solicitations on any number of bases, here it refers to racial appeals. Beyond emphasizing race, racial dog whistle politics diverges from the more general practice because the hidden message it seeks to transmit violates a strong moral consensus.

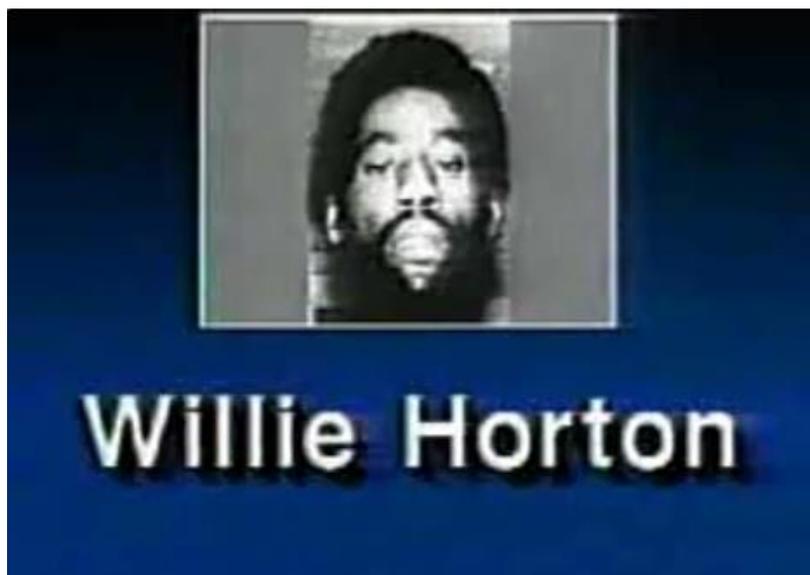
<sup>14</sup> Tali Mendelberg é professora de Ciência Política pela Universidade de Princeton. Possui Bacharelado em Psicologia pela Universidade de Winsconsin e Ph.D. em Ciência Política pela Universidade de Michigan. Suas áreas principais são: Ciência Política e Psicologia Política.

advindo de William. Este<sup>15</sup>, quando teve oportunidade de falar a respeito de como se viu representado no discurso político durante a campanha de Bush, destacou:

O fato é que meu nome não é “Willie”. Isso é parte do mito do caso. Esse nome me irrita. Ele foi criado por causa dos estereótipos raciais: grande, feio, violento, preto – “Willie”. Isso me ofende. Eles criaram um personagem fictício – que parecia crível, mas que não existiu. Eles tiraram minha identidade, distorceram os fatos e me roubaram dos meus direitos constitucionais (ZACHARY, 1995, p. 324, tradução nossa<sup>16</sup>).

Utilizando essa história de Horton, Bush, que estava atrás do candidato democrata nas pesquisas, viu sua popularidade subir de maneira acelerada. A estratégia de marketing foi tão bem-sucedida que, em outubro daquele ano, George Bush ultrapassou o seu rival nas pesquisas de intenções de votos. Isso, contudo, não passou sem ser contestado, pois, em 21 de outubro daquele mesmo ano, Bush foi acusado por Jesse Jackson, um político ativista, de utilizar a questão racial para ganhar votos. Após as acusações da utilização pela campanha de Bush de táticas que invocavam estereótipos raciais negativos, a popularidade de Bush entrou em declínio, mas não o suficiente para que seu oponente recuperasse a liderança na corrida presidencial.

Figura 1 - Corte do vídeo publicitário da campanha de George W. Bush nas eleições norte-americanas de 1988.



Fonte: Museum of the Moving Image<sup>17</sup>

<sup>15</sup> Ainda que cientes do teor dos crimes cometidos por Horton e de não sermos coniventes com eles, nosso olhar, neste trabalho, recaí na maneira com que sua figura foi utilizada de forma indiscriminada na criação de um discurso polarizado que antagonizava o afro-americano no tocante à manutenção da segurança pública.

<sup>16</sup> No original: The fact is, my name is not 'Willie.' It's part of the myth of the case. The name irks me. It was created to play on racial stereotypes: big, ugly, dumb, violent, black – 'Willie'. I resent that. They created a fictional character – who seemed believable, but who did not exist. They stripped me of my identity, distorted the facts, and robbed me of my constitutional rights.

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.livingroomcandidate.org/commercials/1988/willie-horton#>> Acesso em: 30 de maio de 2021.

É possível, então, observarmos que a campanha de Bush utilizou elementos específicos – como as fotos veiculadas e o uso de diminutivo do nome de William – que evocavam o tópico “raça”, sem nunca explicitar, de forma definitiva e clara, que estavam fazendo reiterado uso discursivo desse tópico. No momento em que a potencial interpretação de cunho racial foi trazida à tona, por meio das acusações de seus oponentes na mídia, o candidato republicano começou a perder apoio dos eleitores. O público finalmente começou a se dar conta da alienação no discurso construído pela campanha de Bush, percebendo de forma mais ampla como a sua mensagem possivelmente violava um consenso moral no percurso dos direitos civis norte-americanos. Mesmo assim, a possível interpretação de cunho racial nunca foi admitida pela campanha de Bush, e, talvez por isso, apesar de perder popularidade, o candidato republicano terminou como vitorioso. Ainda levaria anos para que outras facetas fossem compreendidas e problematizadas nos discursos que a campanha republicana de 1988 veiculou.

Apesar dessas acusações de racismo, foi só em 1990, quando George Bush vetou um projeto de lei que consolidava processos por discriminação de raça e sexo, que a interpretação racista da campanha de Bush começou a ser aceita pela mídia em geral, ou seja, apenas anos depois de seu uso como propaganda política (MENDELBERG, 2001, p.5). Esse caso é um bom exemplo para pensarmos a respeito da importância de estudos que se voltem à análise de discursos e que chamem atenção do público em geral para a relevância do conhecimento acerca das questões ideológicas que constituem a linguagem. Afinal, se a estratégia mobilizada na campanha de Bush tivesse sido compreendida pela maioria da população, esta teria a oportunidade de reconhecer e avaliar os posicionamentos políticos concretos daquele candidato e, assim, talvez, a eleição poderia terminar com um resultado diferente.

Portanto, a partir da apresentação sucinta da política do apito canino e de algumas de suas classificações, nesta seção, buscamos, também salientar a importância discursiva desse fenômeno que, a nosso ver, pode ser ainda mais bem compreendido, se tomado em relação com princípios epistemológicos da análise dialógica de discursos (BRAIT, 2010). Isso porque, nesta perspectiva, por meio de outros elementos importantes, a análise da linguagem é tomada sobretudo a partir de sua relação constitutiva com as situações de interação discursiva em que se funda o discurso, assim como no intrínseco e significativo entrecruzamento dos elementos linguísticos e extralinguísticos que emolduram o uso em linguagem, uma vez que, nessa compreensão, “para observar o fenômeno da língua, é necessário colocar os sujeitos falante e ouvinte, bem como o próprio som, no ambiente social (VOLÓCHINOV, 2018, p. 145), conforme discutiremos a seguir.

### 3 O discurso tomado em perspectiva dialógica

Neste item, partiremos de uma concepção dialógica de linguagem e de discurso inscritas na esteira da metalinguística bakhtiniana, disciplina cujas proposições retomam os estudos dos pensadores Mikhail Bakhtin, Pavél Medviédév e Valentin Volóchinov<sup>18</sup>, representantes do reconhecido Círculo de Bakhtin<sup>19</sup>. Tal discussão tem por objetivo apresentar alguns recortes das

---

<sup>18</sup> Embora reconheçamos a importância dos escritos destes três autores russos na constituição da abordagem dialógica do discurso, neste texto, para cumprirmos com os objetivos aqui traçados, focaremos em alguns escritos de Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov.

<sup>19</sup> O Círculo de Bakhtin é constituído por intelectuais de formações e interesses distintos que, de 1919 a 1929, reuniram-se na Rússia para refletir sobre questões variadas, dentre as quais se destaca o debate acerca da paixão

bases do pensamento bakhtiniano que nos permitem melhor compreender e discutir, no plano discursivo, os movimentos da política do apito canino.

Os estudos advindos dos autores do Círculo possibilitam-nos tratar da língua enquanto um elemento “*ideologicamente preenchido*, como cosmovisão e até opinião concreta que segura um *maximum* de compreensão mútua em todos os campos da vida ideológica” (BAKHTIN, 2015, p. 40, grifos do autor). Ou seja, é por meio da inter-relação constitutiva entre forma e conteúdo que os elementos linguísticos, a partir de dada situação discursiva e de determinado gênero, organizam-se e materializam os mais diversos modos de entender e avaliar a realidade que nos cerca.

Nessa perspectiva, em que a palavra é tomada enquanto fenômeno sociológico, entendemos, por exemplo, que a existência de mensagens “codificadas” de forma a serem mais bem compreendidas por dado público-alvo específico é algo estabelecido nas diferentes formas de uso da linguagem. Afinal, toda palavra “é orientada para um interlocutor” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 204), seja este real ou presumido, já que sempre direcionamos nossos dizeres a *outro(s)*. Disso decorre que compreender “a importância da orientação da palavra para o interlocutor é extremamente grande [pois, enquanto ato bilateral], ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 205).

Além disso, na elaboração de um enunciado, direcionado naturalmente ao outro, deve-se também considerar o (in)tenso meio discursivo em que ele se (trans)forma, uma vez que “em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as suas orientações, o discurso se depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar em uma interação viva e tensa com ele” (BAKHTIN, 2015, p. 51). Nisso reside o âmago do postulado dialógico da linguagem, para o qual importa, portanto, considerar a língua(gem) por meio de situações concretas de uso “das quais ela advém e nas quais se manifesta, resultante da (inter)ação constante entre interlocutores autênticos, constituídos por experiências variadas e diversos modos de apreensão e juízos de valor sob o mundo” (BARBOSA, 2017, p. 43).

Cabe-nos dizer também que uma sociedade é composta por uma enorme diversidade de grupos sociais, nos quais cada sujeito é, ao mesmo tempo, singular e plural, posto que é constituído por diferentes discursos, valores e papéis sociais, materializados nas e pelas palavras, que, enquanto os individualizam, também lhes permitem exercer suas variadas funções sociais e sua identificação ante aos seus pares. Nas palavras de Volóchinov (2018, p. 205), é na palavra que “eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro”.

Essa complexa e múltipla constituição discursiva que possibilita aos indivíduos tratar da linguagem enquanto refração da realidade do sujeito e dos contextos em que ele circula é, no viés bakhtiniano, filiada também aos vínculos histórico-sociais construídos nas situações de interação discursiva, já que “a situação social mais próxima e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro pra fora, a estrutura do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 206, grifos do autor). Nesse sentido, se pensarmos nos movimentos discursivos que constituem a política de apito canino, em diálogo com os pressupostos bakhtinianos, poderemos tratar de tais movimentos por meio de sua intrínseca constituição ideológica, considerando os valores e os hábitos culturais que integram as condições concretas em que se produz efetivamente a linguagem.

A metalinguística bakhtiniana, então, se peculiariza por apresentar um olhar teórico-

---

pela linguagem. Os principais componentes do Círculo, representantes da linguagem, são V. N. Volochinov, P. N. Medvedev e, o líder do grupo, Mikhail Bakhtin (FARACO, 2009).

metodológico para a linguagem que a contempla considerando não somente seu acabamento linguístico, mas também o arranjo extralinguístico, contextual, situacional que confere a língua, em sua integridade, a concretude e o fator vivencial que lhe são característicos. O contexto externo e subjacente à linguagem é tomado aqui como constitutivo de seu uso. Nessa ótica:

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados (VOLÓCHINOV, 2018, pp. 218-219).

A linguagem nesse olhar não se forma em outra circunstância que não nas situações sociais em que estão envolvidos os sujeitos. São justamente essas situações concretas de interação que estabelecem a linguagem enquanto materialidade socialmente orientada, em seu viés discursivo, como matéria viva e pulsante. O sujeito, então, se move pela existência de um dever ser que norteia os juízos valorativos, construídos no chão da interação socialmente discursiva. Bakhtin destaca ainda que a linguagem existe e se forma a partir de uma orientação dialógica, em outras palavras, não se faz somente a partir do eu e de sua palavra, mas como implica o diálogo, é necessário pensá-la concomitantemente em relação com o outro.

O olhar valorativo e responsável que o sujeito lança sobre determinada palavra não se faz ao total acaso, ele considera o edifício linguístico e extralinguístico que se filia a determinada localização sócio-histórico-cultural. Em meio a este edifício, destacamos com especificidade que o sujeito lança seu olhar responsável sobre determinado objeto considerando amplamente seu auditório social (VOLÓCHINOV, 2019), um destinatário que é presumido pelo falante e à luz de quem o dizer se modela. Esse sujeito alheio, o qual não necessariamente está corporificado ou fisicamente presente no momento de produção do enunciado, se estabelece como finalidade indubitável do dizer. A atitude responsável que o sujeito toma se direciona a uma outra individualidade que se situa externamente em relação ao eu, a esta individualidade que empaticamente se localiza por exotopia ou em posição extralocalizada ao eu, tem-se a realização do sentido nas margens do que é enunciado:

todo discurso é um discurso *dialógico* orientado para outra pessoa, para sua *compreensão e resposta* real ou possível. Essa orientação para o 'outro', para o ouvinte, pressupõe inevitavelmente a consideração da interrelação *sócio-hierárquica* que existe entre os interlocutores. [...] Essa *dependência do enunciado em relação ao peso sócio hierárquico do auditório* [...] convenciamos chamar de *orientação social* do enunciado. [...] A orientação social é justamente uma daquelas forças vivas organizadoras que junto com as condições do enunciado (a situação), constituem não somente a sua força estilística, mas até mesmo a sua estrutura puramente gramatical (VOLÓCHINOV, 2019, p.280).

O funcionamento da linguagem é então movido pelo diálogo que interpenetra o enunciado, o próprio sujeito e conseqüentemente todo o processo sociointeracional que advém nessa direção. O sujeito é constituído pelas relações entre o seu discurso e o discurso do outro lhe sendo impossível, dessa maneira, não retomar a palavra do outro alinhavada no indelével fio dialógico do discurso para representar seu lugar axiológico no mundo concreto. A compreensão do diálogo em sua acepção bakhtiniana se define não somente pelo diálogo tomado no mundo concreto entre duas ou mais subjetividades, mas esse tipo de diálogo entre vozes que habitam a

palavra, nunca vazia, mas sempre preenche de discursos alheios. Essa diversidade de sentidos e discursos que tecem fios em torno das cadeias de enunciados alicerçadas pela responsividade e responsabilidade características da interação discursiva, leva em conta o fato de que: “[...] todo discurso concreto (enunciado) encontra o objeto para o qual se volta sempre, por assim dizer, já difamado, contestado, avaliado, envolvido ou por uma fumaça que o obscurece ou, ao contrário, pela luz de discursos alheios já externados a seu respeito (BAKHTIN, 2015, p.48)”.

Cabe salientar ainda, no tocante ao horizonte alheio a quem se destina a produção do discurso, que o processo de *compreensão ativa* estabelece que, no plano dos interlocutores, diversos discursos já o constituem e permeiam os diferentes campos e esferas em que o sujeito se inscreve por meio da linguagem. A interpretação ativa e criadora, tal como descrita por Bakhtin (2015), pressupõe, então, que essa interação entre as disposições do discurso e o estágio de acabamento do horizonte avaliativo que o compreende sugere ao interlocutor possibilidades interpretativas que lhes são únicas e irrepetíveis no ser-evento, uma vez que “é impossível a interpretação sem avaliação [...]. O intérprete enfoca a obra com a sua visão de mundo já formada, de seu ponto de vista, de suas posições” (BAKHTIN, 2017, p. 36), as quais, é claro, não são imutáveis, mas se reconstróem na interação com os dizeres e os valores dos discursos do(s) outro(s).

Existe, portanto, na palavra enquanto signo ideológico (VOLÓCHINOV, 2018) uma potencialidade de sentidos que se revela e se modula considerando as relações entre o falante, o objeto, seu auditório e os arranjos dos contextos verbal (o repertório das formas linguísticas de uma comunidade) e extraverbal (elementos como o espaço, o tempo, as ideologias, as culturas, a história etc.) em que estes se situam. A relação de significação não se dá, a esse tom, de maneira evidente ou unívoca, na interação discursiva a construção do sentido é localizada em face dos diferentes horizontes axiológicos que estão em contato no todo da produção discursiva.

Nesse ponto de entrecruzamento nos conceitos da teoria bakhtiniana é possível recuperar a relação que se estabelece na produção discursiva da política de apito canino. A construção de sentido, na orientação dialógica do discurso, se estabelece numa relação de responsividade e responsabilidade ante aos discursos precedentes ao mesmo tempo que projetam possibilidades para dizeres futuros. As diferentes possibilidades de sentido que o discurso do apito canino elabora se encontram, nesse caminho, na malha discursiva que envolve os objetos com o discurso e as avaliações alheias. O que se tem por um sentido “oculto”, no que sugerem Haney-Lopez e Mendelberg, são sentidos que estão presentes na constituição do discurso, mas que, na disposição dos elementos linguísticos e extralinguísticos que compõem a situação de interação discursiva, ficam mais evidentes a um determinado destinatário presumido do que a outros. Vejamos, em sequência, como essa relação entre os interlocutores e seu auditório social, enquanto destinatário presumido, é outro ponto que nos permite conjecturar acerca do movimento discursivo do apito canino na esfera do discurso político.

A partir de Volóchinov (2018; 2019), entendemos que o sujeito produz linguagem com base numa orientação social que, por sua vez, relaciona as condições de uma troca comunicativa à maneira com a qual o sujeito (pré) concebe seus destinatários e o contexto da situação de interação em questão. Volóchinov (2019) sugere, como exemplo, alguns trechos de *Almas mortas*, de Nikolai Gógol, com fins de ilustrar, por meio da interação entre as personagens, os modos pelos quais as condições do auditório são determinantes nos encaminhamentos da interação discursiva, influenciando profundamente em aspectos verbais, como a escolha e a posição das palavras no discurso, e em aspectos extraverbais, como a gesticulação, a posição corporal etc.

No caso do exposto em torno da política do apito canino, é justamente partindo de uma imagem pressuposta do auditório que observamos movimentos no discurso de políticos norte-

americanos que alcançam toda a comunidade eleitoral, mas acenam de uma forma específica para uma camada desse amplo e diversificado auditório. Esse “aceno” se dá por meio da avaliação do auditório por parte do locutor refletindo tanto as condições do contexto verbal, como do contexto extraverbal, subentendido entre os interlocutores e cuja compreensão é imprescindível para destacarmos a potencialidade de interpretações em um enunciado, como veremos na análise a seguir.

#### 4 Princípios dialógicos do discurso e apito canino: uma possível inter-relação

As análises aqui discutidas tomam por base um *corpus* composto por discursos presentes em campanhas eleitorais no panorama político recente dos Estados Unidos. Consideramos a representatividade do fenômeno estudado como critério para seleção dos exemplos coletados, os quais também tem referência nos estudos teóricos sobre o apito canino contemplados na seção inicial de nossa discussão. Com base na seção anterior, lançaremos mão de conceitos provenientes da teoria dialógica do discurso para explicitar o movimento discursivo do apito canino identificados nos excertos do *corpus* dispostos a seguir.

Eleito vice-presidente pelo partido democrata, e incumbido presidente após o assassinato de John F. Kennedy, o presidente Lyndon Johnson teria dito, ao assinar a Lei dos Direitos Civis de 1964 – uma das leis mais importantes para combater a segregação racial que era norma nos Estados Unidos –: “Eu acho que nós entregamos o Sul para o partido republicano por um longo tempo”<sup>20</sup> (MOYERS, 2004 apud HANEY-LÓPEZ, p. 244, tradução nossa). Estava, nessa época, em ação, a coalizão *New Deal*. Formada por trabalhadores operários brancos, pessoas negras e liberais da região nordeste dos Estados Unidos, essa coalizão, nomeada pelos programas propostos por Franklyn D. Roosevelt, garantia suporte ao partido democrata e agia como um grande problema para qualquer tentativa de eleição de republicanos (HANEY-LÓPEZ, 2016, p. 7).

Em 1961, o candidato republicano Barry Goldwater, sabendo que precisaria derrotar a coalizão que dava suporte ao partido democrata, fez um discurso em Atlanta onde disse: “Nós não vamos conseguir o voto dos negros como um bloco em 1964 e 1968, então, devemos ir caçar onde os patos estão”<sup>21</sup> (BASS e DEVRIES, 1995, tradução nossa). Os “patos”, nesse caso, uma possível referência à cor da ave, seriam os votos da comunidade branca de sulistas que estavam descontentes com as leis de dessegregação racial que Kennedy e Lyndon B. Johnson vinham implementando. Essa interpretação é viável quando observamos a relação desse signo ideológico junto aos contextos linguísticos e extralinguísticos que emolduram a situação de interação discursiva, pensando aqui, sobretudo, nos papéis de gênero, classe, raciais etc., que permeiam as hierarquias sociais no âmbito da comunidade estadunidense deste ponto histórico-cultural.

Apesar de perder as eleições para o presidente Lyndon B. Johnson, mesmo tendo ido “caçar onde os patos estão”, o partido republicano decidiu por utilizar uma campanha centrada em apitos caninos nas eleições de 1969, com o candidato à presidência Richard Nixon. Nesse contexto, eram correntes termos como “lei e ordem”, “a maioria silenciosa” e a crítica à prática de utilizar ônibus escolares para transportar crianças negras e latinas para escolas de pessoas

---

<sup>20</sup>No original: I think we just delivered the South to the Republican party for a long time to come.

<sup>21</sup>No original: We’re not going to get the Negro vote as a bloc in 1964 and 1968, so we ought to go hunting where the ducks are.

brancas, uma prática chamada por Nixon de *forced busing*<sup>22</sup> (DEWITT, 2015).

Dos tópicos raciais importantes do momento histórico, é válido frisar os protestos que ocorreram por todos os Estados Unidos, após o assassinato do líder civil Martin Luther King, no dia 04 de abril de 1968. Nixon utilizou do termo “lei e ordem”, nessa ocasião, principalmente para, de forma velada, sinalizar à base eleitoral que ele queria conquistar a necessidade de reestabelecer a ordem social diante das insurreições que ocorriam. Essa tática é admitida e explicada pelo conselheiro e advogado de Nixon, John Ehrlichman: “o apelo subliminar ao eleitor anti-negro sempre esteve presente nas declarações e nos discursos de Nixon nos tópicos de moradia e escolas, e isso sempre me incomodou”<sup>23</sup> (ERLICHMAN, 1982, p. 222, tradução nossa). Quando orientados dialogicamente para o auditório social de eleitores norte-americanos em 1968, termos como “lei e ordem” podem conduzir a diferentes possibilidades interpretativas. De um lado, a construção desse discurso, por meio de seu locutor, entretece algumas disposições que, no processo de compreensão ativa, busca, do outro lado, margem no horizonte axiológico para as interpretações que podem sinalizar desde o assentimento com a ideologia racista, como co-construir interpretações em que essa ideologia passe despercebida, repudiada, questionada, aplaudida etc. O fato é que, na linha do proposto por Volóchinov (2019), fora do contexto extraverbal os signos ideológicos não podem ser devidamente compreendidos, ficam suspensos e deslocados da realidade social que os emolduram.

Apesar das acusações de seu oponente, o democrata Hubert Humphrey, de que Nixon utilizava o termo “lei e ordem” como código para repressão à população negra, a tática de utilizar mensagens raciais codificadas funcionou e Nixon ganhou a eleição. De acordo com Mendelberg (2001, p. 98), essa foi a primeira eleição, em uma longa lista de campanhas raciais, que conseguiu uma vitória presidencial.

O caso citado aqui nos permite demonstrar como, orientado socialmente para o auditório composto pela comunidade de eleitores norte-americanos, as escolhas de palavras na campanha de Nixon aspiram a uma pretensa “neutralidade”, optando por termos menos marcados, mas que, ainda assim, se apoiam num discurso segregatório na busca pelo assentimento de uma camada específica da população, sem explicitamente ofender uma outra. A utilização de termos como “lei e ordem” junto dessa “maioria silenciosa”, a qual se via insatisfeita com uma “forçada” integração entre brancos e negros nas escolas públicas, acena de forma específica para uma base seleta de apoiadores da agenda republicana. Esse aceno suscita, de forma menos direta em relação a outros momentos, um discurso anti-negro que vinha sendo questionado em meio aos protestos liderados por Martin Luther King e apoiadores.

A política do apito canino, então, busca uma suposta neutralidade discursiva no “politicamente correto” para construir no dizer diferentes potencialidades interpretativas que ressoam dialogicamente de maneiras distintas nas respectivas camadas da comunidade eleitoral. Cabe a nós, salientar, a polarização no movimento discursivo instaurado pela política do apito canino, que retoma e constrói imagens antagônicas, motivadas por discursos de ódio que vem à tona sob o “disfarce” de um sentimento nacionalista. Nesse ínterim, enquanto o apito canino passaria relativamente despercebido aos ouvidos da camada antagonizada pelo discurso

---

<sup>22</sup> Esse termo aduz a uma campanha norte-americana que buscou diversificar a comunidade escolar estadunidense, realocando alunos para distritos escolares fora da sua área residencial originária. Enquanto a campanha era também chamada de *desegregation busing*, em alusão ao teor de integração da campanha, seus críticos a chamavam de *forced busing*, numa linha de que tanto estudantes negros quanto brancos eram “forçados” a estudarem juntos.

<sup>23</sup> No original: That subliminal appeal to the antiblack voter was always in Nixon’s statements and speeches on schools and housing, and it always bothered me.

polarizado, sua relação com a situação de interação – ressaltando, aqui, o peso dos elementos verbais e extraverbais – poderia suscitar o apoio da comunidade de apoiadores e, ainda, alcançar adesão em outros níveis sociais que assentiriam a essa polarização do discurso.

A esse entendimento, durante sua campanha, Reagan utilizou muitos apitos caninos raciais. O candidato costumava contar uma história fictícia de um personagem caricaturado que ele chamava de “a rainha da assistência social de Chicago”, *the Chicago welfare queen*, com “oito nomes, trinta endereços e doze cartões de Segurança Social, coletando pensões de veteranos de quatro maridos mortos que não existem. Ela tem atendimento de saúde, auxílio alimentação e está coletando assistência social em cada um dos nomes dela. A renda dela, livre de impostos, é de mais de US\$ 150, 000”<sup>24</sup> (NY TIMES, 1976, tradução nossa).

Em contraste, Reagan coloca o homem branco no lugar daquele que pagava impostos, o trabalhador injustiçado que, em suas palavras: “ficava em uma fila para comprar um hambúrguer, enquanto um jovem *buck* comprava um filé *T-bone*” (CARTER, 1996, p. 64). *Buck* é uma maneira racista de se referir a homens negros, trazendo uma imagem de um homem grande e forte, que desafia as autoridades e que cobiça sexualmente mulheres brancas (HANEY-LÓPEZ, 2014, p. 79). Após críticas sobre o uso do termo, Reagan começou a usar “companheiro jovem”, que carregava menos conotações raciais tão aparentes, mas ainda mantinha seu significado racial implícito.

A utilização do apito canino como forma de campanha eleitoral é, inclusive, comentada por um estrategista de campanha dos republicanos chamado Lee Atwater. A citação a seguir é bastante ilustrativa do projeto de dizer alinhado à construção discursiva de uma política do apito canino:

Você começa em 1954 dizendo ‘nigger, nigger, nigger’. Em 1968 você não pode dizer “nigger” – isso é prejudicial. Sai pela culatra. Então, você diz coisas como *forced busing*, direitos dos estados e toda essa coisa. Você começa a ir para o abstrato, você está falando sobre cortar impostos, e tudo isso sobre o que você fala são coisas totalmente econômicas, mas um subproduto disso é que negros saem pior do que brancos. Subconscientemente, talvez, isso seja parte disso. Eu não estou dizendo que é. Mas eu estou dizendo que se está ficando tão abstrato, e tão codificado, então estamos desaparecendo com o problema racial de uma maneira ou de outra. Me entenda – porque obviamente sentar e dizer ‘queremos cortar impostos ou queremos cortar aquilo’ é muito mais abstrato do que até mesmo a coisa dos ônibus, e absurdamente mais abstrato do que ‘nigger, nigger’. Então, de qualquer maneira que você olhar, a raça fica ali, em banho-maria<sup>25</sup> (PERLSTEIN, 2012, tradução nossa).

<sup>24</sup> No original: She has 80 names, 30 addresses, 12 Social Security cards and is collecting veterans’ benefits on four nonexistent deceased husbands.” He added: “And she’s collecting Social Security on her cards. She’s got Medicaid, getting food stamps and she is collecting welfare under each of her names. Her tax-free cash income alone is over \$150,000.

<sup>25</sup> No original: You start out in 1954 by saying, “Nigger, nigger, nigger.” By 1968 you can’t say “nigger”—that hurts you. Backfires. So you say stuff like forced busing, states’ rights and all that stuff. You’re getting so abstract now, you’re talking about cutting taxes, and all these things you’re talking about are totally economic things and a byproduct of them is, blacks get hurt worse than whites. And subconsciously maybe that is part of it. I’m not saying that. But I’m saying that if it is getting that abstract, and that coded, that we are doing away with the racial problem one way or the other. You follow me—because obviously sitting around saying, “We want to cut taxes and we want to cut this,” is much more abstract than even the busing thing, and a hell of a lot more abstract than “Nigger, nigger.” So anyway you look at it, race is coming on the back burner.

Note-se, inicialmente, um distanciamento de termos explicitamente racistas como “nigger”, sintetizando uma necessidade de adequação ante ao auditório social da interação, uma comunidade eleitoral diversificada, dentre os quais existem apoiadores, opositores, indecisos, isentos etc., que converge, no entanto, para “certo” consenso moral em torno da segregação e preconceito racial. Em contrapartida, presencia-se uma tentativa do que Atwater chama de “abstração”, ao que, em nosso ver, instaura-se o primeiro movimento discursivo da política do apito canino na descrição de Haney-Lopez (2014): a busca por termos que se associem ao tema controverso de forma indireta e a “ocultem”.

Se pensarmos à luz de Volóchinov (2018; 2019) e Bakhtin (2015; 2017), veremos que essa condição de um termo que “oculta” certo sentido, como já sinalizado anteriormente, se filia à maneira com a qual um signo ideológico aponta para distintas possibilidades interpretativas. Um enunciado concreto pode, nesse sentido, retomar diferentes construções discursivas ao passo que também pode potencializar dizeres futuros, respostas a depender da maneira com que o sujeito relaciona o discurso aos elementos verbais e extraverbais que modalizam a situação de interação. O fato é que a palavra vem ao sujeito já condicionada pela responsividade e responsabilidade estabelecidas na orientação dialógica de produção do discurso. Com base na relação com seu auditório, é plausível ao discurso, destarte, explorar diferentes camadas de sentido em uma expressão aparentemente alheia à determinada questão controversa, mas que, à luz dos subentendidos nos elementos extraverbais da situação de interação, pode sintetizar contiguamente a alienação de alguns e o aceno aos valores de outros.

Se pautarmos novamente a perspectiva da compreensão ativa (BAKHTIN, 2017) veremos como o horizonte avaliativo daquele a quem se destina o discurso é envolto por uma malha discursiva igualmente diversa, constituída por diferentes ideologias, valores e papéis sociais que, enquanto elementos extraverbais, incidem diretamente sob o uso de linguagem. Nessa linha, é por meio da disposição do arranjo situacional que podemos analisar e conjecturar as possíveis interpretações que os termos podem estabelecer diante do seu destinatário presumido. Termos como “forced busing” e “lei e ordem”, utilizados por Nixon – inspiração declarada de Atwater (MENDELBERG, 2001) – em sua campanha vitoriosa, só podem ser diretamente relacionados à agenda segregacional quando pensados à luz das manifestações integracionais que eclodiam no cenário norte-americano da época, compreensão que hoje tem uma visibilidade distinta da difundida naquele momento.

O funcionamento dessa “abstração” que sugere Atwater, recai por associar termos menos marcados que poderiam encerrar uma ligação direta com determinada agenda controversa e buscar adesão ante às massas sem violar diretamente consensos morais. A controvérsia é diluída em um discurso ambivalente, ao que cabe ressaltar o “banho maria” a que se refere Atwater, e abre espaço para os dois movimentos subsequentes da política de apito canino descritos por Haney-López (2014): uma postura evasiva em relação a qualquer tentativa de associação à bandeira controversa e que pode ser seguida de uma crítica a essa tentativa, colocando o sujeito criticado numa posição de vítima, como se houvesse ali uma tentativa de denegrir sua reputação.

No tom dessa esquiva, por conta das implicações raciais e a pressão social que já crescia na época, a campanha de Bush em 1988 sentiu a necessidade de se distanciar da questão da raça. Várias ações foram feitas para criar certa distância entre a campanha do republicano e a polarização em torno da raça, que até o momento era tradicional ao partido. Bush explicita então: “não há um osso racista em meu corpo”<sup>26</sup> (MENDELBERG, 2001, p. 138, tradução nossa), numa tentativa de blindar sua campanha contra qualquer potencial sinalização de

---

<sup>26</sup> No original: There is not a racist bone in my body.

controvérsias. A tentativa de Bush foi infrutífera em face da repercussão do caso “Willie” Horton, já exemplificado anteriormente, impedindo ainda que o terceiro movimento do apito canino, em que o falante se coloca como vítima de uma acusação infundada, fosse amplamente instaurado.

O fato é que as relações com a política do apito canino não eram mantidas apenas por campanhas republicanas. Na campanha presidencial de 1992, o candidato à presidente pelo partido democrata Bill Clinton sabia que precisava, em sua campanha, identificar e dismantlar a tática de utilizar raça para ganhar votos do seu oponente, Bush. Clinton utilizou uma tática de desviar a atenção do eleitor preocupado com questões raciais para outros tópicos, como a economia, a criação de empregos, além de alertar o eleitor para a utilização de raça para a divisão de classes na agenda política de seu adversário. Mas, ao mesmo tempo que Clinton alertava o eleitor sobre as táticas de apelo à raça que seu oponente usava, ele também utilizava das mesmas táticas. O democrata preferiu se apresentar como um “Novo Democrata”, forte na luta contra o crime, contra o “assistencialismo social” e resistente aos apelos da comunidade negra (SUGRUE, 2010, p. 84).

Semelhantemente a outros casos vistos anteriormente, observamos em Clinton uma agenda política que se apoia em pontos de elementos comuns, como o desenvolvimento da economia, num possível intuito de busca pela ampla adesão popular. A questão do apito canino se apresenta quando algumas das propostas de campanha subentendem certo direcionamento a porções menos favorecidas da comunidade, por meio do combate a questões diretamente alinhadas a tais camadas. A busca por coibir o “assistencialismo social” como um meio de vida se concretiza discursivamente como uma estratégia sutil de polarização no discurso, ao que colocaria os usuários dessas políticas públicas como pessoas que seriam sustentadas pelo dinheiro dos contribuintes e que estariam usando um serviço assistencial como forma integral de sustento.

O discurso de ódio frente às camadas populares antagonizadas, neste exemplo, não é construído na linguagem de forma marcada pela campanha democrata em questão, uma vez que o termo usuários de assistencialismo social, desprovido dos elementos extraverbais subentendidos na situação de interação discursiva, não condiciona menções explícitas a determinados grupos sociais. Portanto, como visto em outros casos contemplados em nossa discussão, a opção por termos que não apresentam uma relação direta com discursos polarizados pode ser considerada uma característica central do movimento discursivo do apito canino. Ao evitar o uso de expressões marcadas, a alienação de muitos dos eleitores se concretiza, tendo sua bússola moral dissuadida ante a mensagens que seguem a direção do politicamente correto, enquanto, concomitantemente, se alinham de forma sutil à polarização em agendas nacionalistas motivadas por discursos de ódio.

Essa alienação, como vimos anteriormente, é consequência das potencialidades interpretativas construídas no uso da linguagem, que se modulam tanto pelo repertório de formas verbais, quanto à luz de elementos extraverbais que constituem a situação de interação discursiva em que se situam os falantes e seu auditório social. Não podemos deixar de fazer menção, ainda, ao fato de que essas possibilidades de interpretação se dimensionam pela maneira com que a palavra é habitada por diferentes discursos precedentes ao momento de interação, sendo mobilizadas em uma ordem responsiva e responsável emoldurada pela orientação dialógica do discurso. Nesse sentido, nos é perceptível que a construção discursiva na política do apito canino se estabelece na percepção concomitante das relações entre os falantes, seu auditório e os respectivos contextos verbais e extraverbais subjacentes à situação interacional.

## Considerações Finais

A partir de referencial teórico dedicado aos estudos da política norte-americana recente, apresentamos, neste trabalho de caráter teórico-analítico, algumas conceituações que contemplam o fenômeno conhecido como dog-whistle politics ou, como proposto em língua portuguesa, política do apito canino. Nosso intuito, além de ampliar a compreensão desse conceito na esfera do discurso científico brasileiro, foi de propor uma análise discursiva acerca de sua construção na linguagem por meio de um diálogo estabelecido com postulados provenientes da teoria dialógica do discurso.

Observamos, então, nas descrições de Haney-López, Goodin e Mendelberg a partir de exemplos em diferentes campanhas políticas norte-americanas, como o movimento da política de apito canino propõe um aceno a ideais controversos ao mesmo tempo que, ante a um auditório social diversificado, busca salvaguardas nas sinuosas margens do politicamente correto. No diálogo com o pensamento de Bakhtin e Volóchinov, consideramos a construção do discurso numa relação de responsividade e responsabilidade frente aos elementos verbais e extraverbais que constituem a interação discursiva. A interface do discurso dialógico, a partir de noções teóricas como o auditório social, o enunciado concreto, a orientação social da palavra e a compreensão ativa, nos possibilitou compreender, quanto ao movimento da política de apito canino, que os diferentes nuances de sentido projetados no discurso são diretamente influenciados pelas disposições da situação de interação discursiva. Além disso, tendo em vista um auditório social diversificado, pudemos problematizar a maneira com que estão inscritos no discurso diferentes destinatários presumidos, em níveis distintos de endereçamento, no dinamismo do uso em linguagem.

Esse espaço de discussão assinala, por fim, a necessidade de aprofundamento no que diz respeito a compreensão do fenômeno da política do apito canino. Esperamos, nesse sentido, que a presente proposta contribua no fomento a outros trabalhos que se debrucem na análise do discurso construído pelo fenômeno aqui descrito, cabendo pensar sua ocorrência em outras realidades socio-histórico-culturais, como, por exemplo, no cenário político brasileiro.

## Referências

- BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: A estilística*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, M. *Notas sobre Literatura, Cultura e Ciências Humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BARBOSA, V. F. Uma voz apagada? Análise da atividade de revisão de textos acadêmicos sob as perspectivas bakhtiniana e ergológica. Tese (Doutorado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- BASS, J.; DEVRIES, W. *The Transformation of Southern Politics: Social Change and Political Consequence Since 1945*. Georgia.: University of Georgia Press, 1995.

BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010.

CARTER, D. T. *From George Wallace to Newt Gingrich: Race in the Conservative Counterrevolution, 1963-1994*. Louisiana: Louisiana State University Press, 1996.

DEWITT, D. *Busing*. Encyclopedia Britannica. 2015. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/busing>> Acesso em: 4 de abril de 2021.

DOWD, M. Bush Says Dukakis's Desperation Prompted Accusations of Racism. *The New York Times*. Nova Iorque, 25 de outubro de 1988. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1988/10/25/us/bush-says-dukakis-s-desperation-prompted-accusations-of-racism.html>> Acesso em: 4 de abril de 2021.

EHRlichman, J. *WITNESS TO POWER: The Nixon Years*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1984.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

GENNAIOLI, N.; TABELLINI G. *Identity, Beliefs, and Political Conflict*. Milão: Bocconi University Working Papers, 2019.

GOODIN, R. E. *Innovating Democracy: Democratic Theory and Practice After the Deliberative Turn*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.

HANEY-LÓPEZ, I. *Dog Whistle Politics: How Coded Racial Appeals Have Reinvented Racism and Wrecked the Middle Class*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2014.

HANEY-LÓPEZ, I. *Race and Economic Jeopardy For All: A Framing Paper for Defeating Dog Whistle Politics*. Califórnia: UC Berkeley: Othering & Belonging Institute, 2016.

LEWIS, A. *Abroad at Home; Black and White*. *The New York Times*. Nova Iorque, 18 de junho de 1992. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1992/06/18/opinion/abroad-at-home-black-and-white.html>> Acesso em: 4 de abril de 2021.

MENDELBERG, T. *The Race Card: Campaign Strategy, Implicit Messages, and the Norm of Equality*. Princeton: Princeton University Press, 2001.

MUSEUM OF THE MOVING IMAGE. *The Living Room Candidate: Presidential Campaign Commercials 1952-2012, 1988*. Disponível em: <<http://www.livingroomcandidate.org/commercials/1988/willie-horton#>> Acesso em: 30 de maio de 2021.

PERLSTEIN, R. Exclusive: Lee Atwater's Infamous 1981 Interview on the Southern Strategy. *The Nation*, Nova Iorque, 13 de novembro de 2012. Disponível em: <<https://www.thenation.com/article/archive/exclusive-lee-atwaters-infamous-1981-interview-southern-strategy/>> Acesso em: 4 de abril de 2021.

SAFIRE, William. *Safire's Political Dictionary*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.

SIEGEL, E. Michael Steele: For Decades GOP Pursued 'Southern Strategy' That Alienated Minorities. *The Huffington Post*. Nova Iorque, 22 de junho de 2010. Disponível em: <[https://www.huffpost.com/entry/michael-steele-for-decade\\_n\\_547702](https://www.huffpost.com/entry/michael-steele-for-decade_n_547702)>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

SUGRUE, T. J. *Not Even Past: Barack Obama and the Burden of Race*. Princeton: Princeton University Press, 2010.

THE NEW YORK TIMES. 'Welfare Queen' Becomes Issue in Reagan Campaign. Nova Iorque, 15 de fevereiro de 1976. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1976/02/15/archives/welfare-queen-becomes-issue-in-reagan-campaign-hitting-a-nerve-now.html>> Acesso em: 4 de abril de 2021.

VOLOCHÍNOV, V. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 1 ed. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2018.

VOLOCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin) *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

ZACHARY, A. N. *Narrative Ethics*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

Recebido em: 30/07/2021

Aceito em: 16/10/2021